

Relato

Ivanilde Ferreira¹

Infância e Experiência: memórias narradas e o encontro com a literatura

Há na memória um rio onde navegam
Os barcos da infância, em arcadas
De ramos inquietos que despregam
Sobre as águas as folhas recurvadas.

Há um bater de remos compassado
No silêncio da lisa madrugada,
Ondas brancas se afastam para o lado
Com o rumor da seda amarrotada.

Há um nascer do sol no sítio exacto,
À hora que mais conta duma vida,
Um acordar dos olhos e do tacto,
Um ansiar de sede inextinguida.

Há um retrato de água e de quebranto
Que do fundo rompeu desta memória,
E tudo quanto é rio abre no canto
Que conta do retrato a velha história.

José Saramago

Este texto nasce dos trabalhos realizados em duas disciplinas do curso de Pedagogia, Organização dos Processos Educativos da Educação Infantil I e Literatura e Ensino, tendo em vista que nessas disciplinas foram resgatadas experiências e vivências de nossas infâncias. Assim, em cada disciplina foi produzido um texto com objetivo diferente, mas que se entrecruzaram pela temática. Comecei com isso, a escrever sobre a minha infância. Escrever, na insistência de estar falando para as pessoas de um tempo carregado de um sentido único e que nesse texto divido com vocês.

Ao falarmos sobre infância, perceberemos que dentro de uma mesma sociedade

¹Graduanda da 6ª fase do Curso de Pedagogia e bolsista no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Violências – NUVIC/ CED, sob orientação da professora Patrícia de Moraes Lima.

encontraremos vários arranjos que dizem sobre essa temporalidade. No campo das ciências sociais, em especial na pedagogia, é necessário que se contextualize esse conceito a partir de alguns agrupamentos sociais que pouco são por nós pensados, tais como: comunidade ribeirinha, quilombolas e indígenas.

Quando falamos das crianças e das suas experiências sociais, precisamos estar cientes que, dentro do mesmo país há vários contextos e organização de grupos sociais diferentes, que precisam ser vistos e contextualizados com um olhar atento. Gilberto Velho (1977) chama a atenção para a necessidade de relativizar noções como classe, língua, tradições dentro da sociedade e da cultura. Neste mesmo contexto ele alerta para os estereótipos, pois a primeira vista temos a tendência de rotular as pessoas com os preconceitos, já previamente estabelecidos pela sociedade. Assim, se faz necessário colocar-se no lugar do outro, buscando uma visão diferente dos fatos. Entretanto, somente as pessoas que vivenciaram determinado contexto social, sabem o verdadeiro valor e significado de ser criança e estar em comunidades que pouco ganham atenção nos centros de formação de professores.

Tendo em vista a necessidade de aprofundamento do conceito de infância e de como a criança e as suas infâncias encontram-se nesses agrupamentos sociais, se fez, para mim necessário, o compartilhamento dessa experiência. Partindo do local onde eu vivi minha infância e portanto, experiências sociais que dizem de um outro contexto social, nasceu a idéia de começar a escrever sobre essas memórias e com isso, dizer um pouco dessas infâncias, da minha infância, dos seus tempos e das suas culturas.

Lugar social e a construção da identidade étnico-racial

Falar, dessa minha construção de sujeito que pertence a uma realidade, não é muito fácil, como mulher negra. Sou fruto de uma família de 10 irmãos, sendo 6 meninos e 4 meninas, do interior do Maranhão. Resgatar a constituição da minha família, condição de negra, sendo habitante dessa região do país, não é uma tarefa muito simples. Meu contexto social e dos meus antepassados é marcado pela trajetória de lutas, exploração e desigualdades, meus avós de ambas as partes são negros e índios. Tendo em vista essa conjuntura, para resgatar essa história foi preciso pesquisar a origem da minha cidade chamada Viana. Com este resgate eu fui à busca da constituição dos habitantes dessa localidade, sendo um pequeno município localizado na baixada maranhense as margens de dois rios. De acordo com Martins (2008) no site (Sítio Viana) indica que:

Nesta região fecunda do Estado do Maranhão conhecida como Baixada Maranhense, existe um ecossistema de especial peculiaridade que Raimundo Lopes chamou de “Rosário de Lagos do Maracu”. Coração ecológico irrigado por duas veias fluviais: Mearim e Pindaré. Formado por nove lagos dos quais dois: o lago do Coqueiro e o lago da Lontra, vítimas de práticas desconhecidas, já são considerados temporários, e, outros sete em atividade que são: Formoso, Capivarí, Cajari, Maracassumé, Aquirí, Itans e Viana.

Dessa forma fica evidente que Viana era uma pequena cidade que por ser localizada as margens dos rios foi fácil sua colonização. No local havia fazendas de cana-de-açúcar, criação de gados e outros produtos. Seus primeiros habitantes foram os indígenas e por tal foi habitada pelos jesuítas para “catequizá-los” e junto com os mesmos vieram os colonos portugueses e os escravos negros. Assim Martins (2008) no site (Sítio Viana) indica que:

Admitimos por verdadeira a hipótese da coexistência pacífica, durante muitos anos, do trabalho paralelo e harmônico dos jesuítas e dos colonos portugueses, os primeiros patrocinados pela Coroa Real nos seus engenhos e fazendas, domesticando os silvícolas e empregando-os nos trabalhos da lavoura, fabricação de açúcar, adobos e telhas-canal e exercendo o governo temporal de índios e colonos. Estes na sede da futura vila, lavrando a terra por conta própria, criando gado, comerciando, pescando, extraindo produtos florestais, com ajuda de escravos negros e de mestiços. Com a expulsão dos Jesuítas do Maranhão, os colonos tornam-se donos dos territórios que sempre cobiçaram.

Fica evidente como aquela localidade é fruto de uma miscigenação de pessoas, por isso se explica o fato da religião da minha família ser católica, com um porém de ter traços de religiões africanas como a umbanda e o tambor de crioula.

Meu avô materno se chamava “Estevam” era um senhor a frente de seu tempo, pois todas as suas filhas foram alfabetizada, naquela localidade onde não havia escola. Ele pagava escola para suas filhas estudarem. Esta é uma peculiaridade da família do meu avô materno, pois todos os seus filhos foram alfabetizados, já a do pai inclusive ele todos são analfabetos. Por tal motivo a minha mãe sempre teve uma preocupação em nos colocar na escola, herança herdada do meu avô. Quando eu ainda era criança, presenciei conversas dos mais velhos a respeito da escola. Sendo que o meu avô foi a primeira pessoa que me trouxe para Viana para estudar para cursar antigo Jardim de Infância, onde morava minha madrinha “mulher negra e católica”, na sua casa ficavam várias crianças, que vinham do interior para estudar. Aonde nossos pais só vinham nos finais de semana para vender mercadorias e nos abastecer com mantimentos para a nossa sobrevivência.

Tendo em vista esses aspectos sociais, e um contexto social diferente dos grandes centros urbanos é uma busca se reconhecer como sujeito que busca na sua raiz a sua identidade de mulher

negra, em busca das suas origens, de acordo com Lino (2002, p.2):

Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto e dependem, de maneira vital, das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra. É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela nossa própria identidade.

Assim, quando criança ouvia os mais velhos comentar quando um deles casava com pessoas “mais claras”, brancas, e quando casavam com pessoas negras era como se fosse pejorativo, inferior, ou seja, tinha menos valor. Acredito ser daí que vem essa minha busca por minha identidade de mulher negra. Diante do exposto, falar um pouco dessa identidade não foi uma tarefa fácil, tendo em vista que dentro da minha própria família está plantado o clareamento da nossa cor.

A leitura na minha infância: O meu casamento com a literatura

Não posso falar sobre as minhas memórias, sem falar como foi esse meu romance com a leitura. A leitura é um momento mágico para mim, e tenho uma relação muito íntima com os livros, pois ela preenche todos os espaços vagos que a vida se encarregou de deixar. Eu costumo dizer que os livros são o meu “marido”, de tão bem que a leitura me faz sentir.

A leitura na minha infância aconteceu pela primeira vez através da contação de histórias, eu tinha um fascínio pelo código escrito. Segundo a minha mãe, eu era uma criança que ficava muito atenta quando ela estava lendo, fazia questão de ficar bem pertinho e observando cada expressão em que ela relatava referente o material. Esse momento da leitura de histórias era um elo entre nós duas.

Na minha infância a minha mãe era única pessoa que sabia ler e escrever naquele povoado de nome Belém. No início da noite se reuniam muitas pessoas na minha casa para ouvir a literatura de cordel, isso era um acontecimento muito importante daquele local. Os vizinhos ao anoitecer, chegavam um de cada de cada vez e se acomodavam do jeito que podiam. Muitas pessoas se sentavam no chão ou em um “mocho” banco, um tipo de assento muito comum no Maranhão para ouvir aquela narração muito apreciada pelos nordestinos, a literatura de cordel. Lembro-me da “história de lampião e Maria Bonita e outras”, todas essas que tem um grande valor histórico para o povo nordestino. Essas leituras tinham um cheiro de início de noite, e um sabor de bolo de tapioca bem

quentinho, um café fresquinho e um gostinho de farinha escaldada de beiju – que é um tipo de escaldado que fica no fundo do forno onde se mexia a farinha de mandioca diferente da farinha de aipim – porém, essa leitura também poderia acontecer na casa de forno (onde se mexia farinha).

Não sei se é por esse motivo que a leitura é um fator muito importante na minha vida, eu tenho um casamento com os romances e obras biográficas, eles me fascinam, preenchendo todas as lacunas da minha vida. Havia pouco material escrito naquele recanto da minha infância, mas o pouco que aparecia naquela comunidade era um material muito valioso para nós. Tínhamos um apego muito grande por aqueles pequenos romances. Para aquele povo o cordel se tornava objeto de arte que precisava ser contemplado e admirado. O formato das pequenas letrinhas se transformava em um certo consolo e conforto, que anesthesiava a dura realidade do povo daquela localidade. Contemplar o mesmo seria como apreciar o céu todo estrelado.

Segundo a minha mãe, dentro do meu “cofo” – cesto de pindoba, onde se guardava roupa, e cada um tinha o seu – sempre havia todos os recortes que eu conseguia encontrar naquele momento da minha vida de material escrito, como embalagens, por exemplo, o que era raro naquela época.

Contudo, fui uma criança que foi alfabetizada muito tarde. Quem deu esse pontapé inicial com as primeiras letras foi a minha mãe. Só mais tarde em Viana/MA foi que eu ingressei na escola. Nesse meu segundo momento com a leitura eu já tinha uns doze anos, foi quando eu fiz a primeira comunhão, eu ganhei um catecismo. Nesse momento sim eu tive o meu primeiro contato com a leitura, porque era eu que realmente lia.

Aquele livro era como amuleto da sorte, eu cheguei a ler um trecho por várias vezes, e tinha dias em que eu repetia duas vezes, e sempre o mesmo trecho, que era aparição do anjo Gabriel a Maria (eu já tinha esquecido essa história!). Isso também me fez lembrar de outra coisa: que eu queria morrer ao quinze anos, porque segundo o que eu ouvia quando criança, “a pessoa que morria com aquela idade era pura e tinha local garantido no céu e ficaria no reino dos anjinhos” (risos). Acredito hoje que foi pelo efeito de não ter uma boa compreensão do que eu estava lendo e pelo fato de eu ter grande influência da minha madrinha, que era muito católica, que eu acreditava naquilo tudo.

Hoje já não tenho aquele material tão valioso para mim, mas recordar é viver. Os contos eram narrados na oralidade, pelo fato de ser um material escrito de difícil acesso e eram poucas pessoas que sabiam ler, esse material era guardado como um material muito valioso e as crianças não tinham contato com o mesmo.

Porém eu cresci com essa vontade dentro de mim, que às vezes é muito grande, que é difícil até de controlar o meu fascínio pelos livros, pelo código escrito. Portanto a leitura entrou em minha veia quando eu já era uma mulher, e como muitos nordestinos, eu era uma retirante que buscava sobreviver em uma terra distante. Já no estado de São Paulo e cursando supletivo, a minha professora

da oitava série me apresentou o romance da literatura brasileira eu lembro que o primeiro em que eu li foi O mulato de Aluísio de Azevedo – “maranhense”, ironia do destino – e depois desse vieram vários, como O cortiço do mesmo autor, Amor de perdição de Camilo Castelo Branco, Don Quixote e muitos outros.

Outro que chamou bastante a minha atenção e que eu não posso deixar de falar é Vidas Secas de Graciliano Ramos, porque ele vai relatar como é a vida de um retirante nordestino. Neste livro eu consegui ver várias passagens da minha vida. Como o autor conseguiu discorrer tão bem sobre a miséria e conceber a vida sofrida daquele povo e com o pouco que eles têm conseguir ser feliz e ter esperança! Na vida dos personagens eu pude lembrar um pouco da minha infância, e toda vez que eu volto a ler esse romance eu encontro alguma coisa bem peculiar que está presente no o meu dia a dia, os nomes dos personagens eu tenho guardado até hoje na minha memória.

A triste realidade é que a vida do povo nordestino continua a mesma depois de muito tempo, as políticas públicas que parecem existir são apenas para enriquecer os políticos e os fazendeiros daquela região, e eu chego a me questionar se realmente estamos vivendo numa democracia.

Nessa emblemática história das minhas memórias teve um tipo de leitura que dentro da literatura não tem muito valor, mas que para mim sim, que foram os livros Sabrina e Bianca, um tipo de leitura que eu trocava por qualquer passeio e perdia longos horários de sono para dar conta da leitura daquelas revistas. Tinha livros que eu tinha tanta vontade de saber o fim da história que eu passava a noite inteira lendo.

Quando eu acabei de ler toda a parte da estante que eram o local das revistas e eu descobri as obras biográficas, outra parte da literatura que eu gosto muito. Só quando eu já estava morando em Florianópolis foi que eu tive meu primeiro contato com a literatura infantil juvenil, com o livro Meu pé de laranja lima, este pequeno livro já me fez chorar e rir várias vezes. Recentemente eu tive que ler este livro para minha filha mais uma vez, e eu voltei a chorar e rir. Memórias e infâncias que permanecem me habitando nesse meu percurso de formação.

Memórias narradas: do cofo, do ouvir a natureza e o cantar dos pássaros ao amanhecer, o nascer do sol.

Ao ingressar na universidade me deparei com uma grande pergunta, o que é infância? E então comecei a me questionar: será que tive infância? Até então infância para mim seria viver a minha condição de ser criança. Hoje já não tenho essa visão, sei a infância é uma experiência social e que cada indivíduo tem a sua. Ao observar o nosso meio social vejo que a vida das crianças está bem separada da vida do adulto. Houve uma época na história que a criança convivia com o adulto,

aprendia observando os seus pares, participava de festa, trabalho, brincadeira e de todas as atividades. Segundo Ariès (1978) a criança estaria ali para aprender sobre a vida, esse contato era frequente.

Na minha experiência de infância, isso se deu quase de forma aproximada ao que conheci na obra de Ariès. Quando criança, no interior, eu não sabia que o brincar era considerado a forma privilegiada das crianças conhecerem, compreenderem e vivenciarem o mundo.

Quando criança, tive a oportunidade de me relacionar com a natureza, ouvir o cantar dos pássaros ao amanhecer, o nascer do sol. A infância, no interior, é uma coisa maravilhosa, que só quem viveu para saber o que de fato é. O amanhecer, o andar no campo e caminhar seguindo os patos na sua caminhada lenta, são todas essas, experiências que podemos construir no interior. Nesse contexto aprendíamos que ser criança era saber adaptar o brincar com suas responsabilidades diárias, dessa forma, brincar era aprender a se relacionar com outro e com a natureza.

Lembro-me que o momento de chegada da pescaria, também era sempre uma festa para os pequenos que esperavam ansiosos aquele momento. As crianças ficavam bem perto da canoa para escolher o pescado da sua refeição, e essa escolha vinha junto com a tarefa de ajudar a cuidar de todo o pescado junto com os adultos. O banho no campo, não tinha coisa igual! Principalmente, quando era acompanhado de chuva, o esconde e esconde embaixo d'água, o aprender a nadar, o levar o barco para o meio do rio e largar, ver cada criança com olhar de assustado ouvindo “viram-se e nadem até a beira do rio”.

A vida infantil no interior não é muito fácil, mas isso não quer dizer que as crianças ali, não tenham direito à infância. Apesar das crianças assumirem responsabilidades sempre encontravam um tempo para suas brincadeiras, até porque as suas brincadeiras estavam associadas as responsabilidades que lhes eram delegadas.

O brincar de casinha tinha todas a sua construção baseada em nossas casas de família e incluía entrar no mato, tirar madeira, estralar “pindoba” (folha do coqueiro), para cobrir a casinha, práticas que também era comum as crianças apreciarem nos contextos da vida adulta. As crianças, nessas brincadeiras de casinha, se juntavam com os seus parentes ou vizinhos para escolherem quem ia ser o pai ou a mãe, quem iria fazer os alimentos, enfim, havia toda uma organização que nesse ambiente de faz de conta. A vivência desse faz de conta pertence a um tempo que não volta mais. Nesta fase da vida, o brincar se realiza por atividades que envolvem pensamentos, ideias e aprendizagens que fazem parte da vida infantil.

A brincadeira de casinha seguia com todo esse imaginário que trazia representações do cotidiano e da vida no interior, dos seus artefatos e dos modos próprios daquela comunidade. Lembro-me que quando todas as crianças se preparavam para brincar com o “cofo” que representava um bercinho, a reprodução daquele brincar aproximava-se muito do cotidiano das mulheres que

esperavam um bebê e que preparavam um cesto igual aquele para colocar os seus filhos recém nascidos. Mesmo sendo uma brincadeira muito simples, para as crianças daquela localidade, tudo era construído de acordo com o que estava acontecendo no local. O mesmo acontecia quando alguém vinha a falecer, pois lembro-me do que fazíamos com o sepultamento do “sapo”, onde tínhamos um padre, várias pessoas vestidas de preto, a benzedeira e sempre uma pessoa chorando pelo falecimento do seu ente querido. As experiências culturais davam vida as nossas brincadeiras.

Foto 1: Sequência de imagens do cofo e do bebê



Fonte: da autora

Contudo eu também posso afirmar que minha experiência de criança, só acabou quando a minha família tomou a iniciativa de trazer-nos para a cidade, para poder estudar, inserir-se em uma cultura da qual nós não estávamos acostumados e aprender uma educação formal. A vida na cidade grande perde um pouco do sabor de ser criança, sendo assim, carrego esse sentimento que ainda quando pequena sentia de sonhar em retornar para o interior para poder vivenciar todas essas experiências que construíram meu viver e assim, poder retornar a embalar o cofo, ouvir a natureza, o cantar dos pássaros ao amanhecer e o nascer do sol.

Referências

- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 12ª. ed. São Paulo: Atica, 1990. 180 p.
- AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. 9ª. ed. São Paulo: Atica, 1990. 190 p.
- BRANCO, Camilo Castelo. **Amor de perdição**. Sao Paulo: Moderna, 1994. 228 p.
- CERVANTES, Miguel de. **Dom quixote: o cavaleiro da triste figura**. 12ª. ed. São Paulo: Scipione, 1993. 134 p.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. In: Aletria – revista de estudos de literatura. **Alteridades em questão**. Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.6, n.9, dez/2002, p.38-47. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2009/03-Nilma%20Lino%20Gomes.pdf> Acesso em: 05 out. 2013.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito da cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- PASSOS, Joana Célia. A educação para as relações étnico-raciais como política pública na Educação Infantil. In.: VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado (Org). **Educação Infantil e Sociedade**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, Cap. 7, p. 103-120, 2012.
- MARTINS, A. **Sítio Viana**: Viana da antiga aldeia Maracu. Disponível em: <<http://www.aldeiamaracu.org.br/aldeia.html>>. Acesso em: 15 out. 2013.
- VASCONCELOS, Jose Mauro de. **O meu pé de laranja lima**. 13ª. ed. São Paulo: Pinheiro, 1989. 102 p.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 36-46.